

DIA DA LÍNGUA – 10 DE JUNHO

Programa FAROL LITERÁRIO – Passo de Torres SC – 07/VI – 2021
Transmissão através da www.estacaodemocracia.com e demais
plataformas da REDE ESTAÇÃO DEMOCRACIA, a serviço do
COMITÊ EM DEFESA DA DEMOCRACIA. – PORTO ALEGRE RS



Patrocínio:

CASA DO POETA BRASILEIRO

CASA DO POETA LATINOAMERICANO

Produção e Execução:

Casa do Poeta do Vale do Mampituba

Quintal de Dindinha – Passo de Torres SC

Contato – Paulo Timm – paulotimm@gmail.com

[Professores pela Democracia](#) FB dia 16 novembro 2021

[Cesar Benjamin](#) · uu298t93S2I0 1usore0audh ·

Pelas razões expostas na legenda da foto (que foto!), sou conservador no trato da língua, embora sem exageros pedantes.

A linguagem telegráfica e ultrassimplificada, que hoje predomina, é capaz de transmitir mensagens imediatas e sentimentos primitivos, assim como faz a “linguagem” de muitas espécies animais. Está associada a textos curtos e músicas pobres, repetitivas.

A linguagem humana é muito mais do que isso. Ela fala de história, atualiza o passado, indica o futuro, refere-se ao que não existe, transmite conceitos, narra sentimentos e descreve objetos complexos. Em vez de escolas e famílias adaptarem-se ao empobrecimento vocabular e sintático, elas devem contribuir para enriquecer crianças e jovens.

Quem não domina uma linguagem rica não pode conhecer Shakespeare, Guimarães Rosa, a Ilíada e tantos outros monumentos da nossa humanidade. Afastados desse universo simbólico sofisticado, também não conseguem apreciar Villa-Lobos, a Pietà ou uma bela solução arquitetônica.

A ideia de rebaixar a escola em nome da inclusão só reproduz a exclusão.

PILULAS CAMONIANAS

Paulo Timm , Olhos d ´Água,3 de novembro de 2002

*** Composto com versos de Luiz de Camões em SONETOS PARA AMAR O AMOR.**

Soneto Para Amar Camões *

**Possível se me faz todo o impossível,
Quero e aborreço alegre e me entristeço,
Queria visto ser , ser invisível,
(Mas) só alcanço menos no que mais mereço**

**Se de todo , contudo , está o Fado,
Que é tanto mais o amor depois que amais,
Quanto são mais as causas de ser menos *dado*,
A mágoa choro só, só choro os danos *mais*.**

**Que erradas contas faz a fantasia!
A cada qual de si dão desenganos.
Por quê de minha vida se injuria?**

**Qual destas sirva a mim dirão os danos?
Se a ela só por prêmio pretendia.
*Para uma vida tão larga em poucos anos...***

Pílulas Camonianas 2

**Amor é dor que desatina sem doer,
É um contentamento descontente.
Amor é um cuidar que se ganha em se perder,
É um não contentar-se de *tão* contente.**

**Amor, que em sonhos vãos do pensamento,
Vem não sei como , e dói não sei por quê?**

**É o gosto de um suave pensamento,
É um mal que mata e não se vê,**

Que amor com seus contrários se acrescenta

**Na esperança de algum contentamento,
Dando canto à voz, à alma ao pranto,**

Pois sobre cousas vãs faz fundamento

Quando na cousa amada se apresenta

Tal modo nunca visto de tormento.

CAMONIANAS 3

**De tudo se descuida o meu cuidado
E busco em luzente Olimpo obscuridade
Trago sempre no mais danoso , mais cuidado
Um sempre ter com quem nos mata lealdade...**

**Vivo em lembranças , morro de esquecido
Te vejo e vi, me vês agora e viste,
Nestes (...) olhos claros escondido
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste.**

Estranho mal! Estranha desventura!

Se de todo contudo está o fado

Nos dias ajudados da ventura

Paga o zelo maior de seu cuidado

Em toda condição em todo estado

Ou gostos que eu tiver, enquanto dura

Paulo Timm – Olhos d´Água, 03 de novembro de 2003



Sergio Moro  @SF_Moro · 3d

A ideia é fazer valer literalmente a frase "o crime não compensa", atingindo o criminoso no bolso. Valerá para traficantes, corruptos, crime organizado, entre outros.

 210  1.250  4.635 



Cláudia Santiago 

@ClaudiaSAC1313

Em resposta a [@SF_Moro](#)

Lembrei de tu.  "Larápio: Nome de um juiz romano corrupto q ao invés de julgar as sentenças de modo isento, as vendia a quem as pagasse: o seu nome era Lucius Antonius Rufus Appius e assinava como L.A.R. Apius. Daí surgiu a palavra Larapius para designar uma pessoa desonesta."

INDICE

Introdução

1. CÂNTICO NEGRO - Lou Salome - Via [Anna Mahadevy Monteiro](#)
FB [1ftS5ponsmoa hdrerda](#) · Junho 07/2021

2. DOCE PARA PRONUNCIAR - Liberato Vieira da Cunha FB
OntemS [gtuttSSfàlsporou 19nfslocrl:ei0dt6](#) ·

3. El idioma español

4. BRASILEIRO NÃO É NACIONALIDADE; É PROFISSÃO - Via
[Wanderley Diniz](#) - April 16 Gregório Duvivier FSP

5. AS MIL FACES DAS PALAVRAS - Prof. Julio Cesar Lemes de
Castro

6. A língua que nos moldou o olhar e o coração – Landro Oviedo

7. Uma palavra que ainda não foi escrita - **BLOG DO
GUTEMBERG - 25 MAIO 2012**

8. Minha pátria é minha língua -
[blogdogutemberg.blogspot.com](#) - **23 ABRIL 2012**

9. O que pode esta língua (1) (2)

16 MAIO 2012 - BLOGDOGUTEMBERG.COM

Música & sexo, uma relação muito estreita (8)

10. Mais Que Coisa !!! (Não sei quem é o autor, mas merece ser lido)

11. A morte do subjuntivo e a falta de fé no sujeito. - Públio Athayde -<http://www.artigonal.com/top-articles.php>

12. Despedida do TREMA – Lucas Nascimento da Silva- Publicado na Revista Offline nº16

13. Sobre a Vírgula - (Associação Brasileira de Imprensa).

14. Receita Pra Lavar Palavra Suja - Viviane Mosé

15. A morada do Ser – 2012 – Dia da – P.Timm – www.sul21.com.br

16. Palavra - Carlos Pena Filho

17 – Proparoxítonas - EDUARDO AFFONSO, Arquiteto e escritor

18. A palavra, Carlos Pena Filho –

XXXXXXXXXXXXX

INTRODUÇÃO

Língua portuguesa

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.



A língua portuguesa no mundo:



Países-membros da [Comunidade dos Países de Língua Portuguesa](#)

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990

Ver artigo principal: [Acordo ortográfico de 1990](#)

O **[Acordo Ortográfico de 1990](#)**^[34] foi proposto para criar uma norma ortográfica única, de que participaram na altura todos os países de língua oficial portuguesa, e em que esteve presente uma delegação de observadores da Galiza. Os signatários que ratificaram o acordo original foram Portugal (1991), Brasil (1995), Cabo Verde (1998) e São Tomé e Príncipe (2006).

Em julho de 2004 foi aprovado, em São Tomé e Príncipe, o Segundo Protocolo Modificativo, durante a Cúpula dos Chefes de Estado e de governo da **[CPLP](#)**. O Segundo Protocolo vem permitir que o Acordo possa vigorar com a ratificação de apenas três países, sem a necessidade de aguardar que todos os demais membros da **[CPLP](#)** adotem o mesmo procedimento, e contempla também a adesão de Timor-Leste, que ainda não era independente em 1990. Assim, tendo em vista que o Segundo

Protocolo Modificativo foi ratificado pelo Brasil (2004), Cabo Verde (2005) e São Tomé e Príncipe (2006), e que o Acordo passaria automaticamente a vigorar um mês após a terceira ratificação necessária, tecnicamente *o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa está em vigor, na ordem jurídica internacional e nos ordenamentos jurídicos dos três Estados acima indicados, desde 1º de Janeiro de 2007.*^[35]

Depois de muita discussão, no dia 16 de maio de 2008, o parlamento português ratificou o Segundo Protocolo Modificativo, estabelecendo um prazo de até seis anos para que a reforma ortográfica seja totalmente implantada. No entanto, não existe nenhuma data oficial para a vigência do tratado no país, pelo que se rege segundo a norma oficial de 1945.

No Brasil, houve a vigência desde janeiro de 2009, tendo o presidente [Luiz Inácio Lula da Silva](#) assinado legislação sobre o acordo no segundo semestre de 2008, porém até 2012 as duas ortografias estarão vigentes.

Língua portuguesa

Olavo Bilac

**Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...**

**Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!**

**Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,**

**em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!**

1.CÂNTICO NEGRO

**Lou Salome -Via [Anna Mahadevy Monteiro](#) FB
[1ftS5ponsmoa hdrerda](#) · Junho 07/2021**

**"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: "vem por aqui!"
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...
A minha glória é esta:
Criar desumanidades!
Não acompanhar ninguém.
— Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
Com que rasguei o ventre à minha mãe
Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...
Se ao que busco saber nenhum de vós responde
Por que me repetis: "vem por aqui!"?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...
Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!**

**O mais que faço não vale nada.
Como, pois, sereis vós
Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...
Ide! Tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátria, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
Eu tenho a minha Loucura !
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...
Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.
Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: "vem por aqui!"
A minha vida é um vendaval que se soltou,
É uma onda que se alevantou,
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou
Sei que não vou por aí!
" Não posso ser fiel aos outros só a mim mesma"
Lou Salomé**

*

José Pinheiro Neves

A propósito... https://youtu.be/XV_iXZFPBck



YOUTUBE.COM

XX
X

2. DOCE PARA PRONUNCIAR

**Liberato Vieira da Cunha FB OntemS gtuttSSfàlsporou
19nfslocrl:ei0dt6 ·**

Quando eu estudava no Curso Clássico, então um ritual de passagem para uma faculdade de Direito, Letras ou Filosofia, era um requisito básico conhecer a língua portuguesa. Por estes dias de muitos e tensos lazeres, me pego pensando em como anda maltratada a coitadinha. Naquela época, até os alunos do Curso Científico, que iam estudar Engenharia ou Medicina, precisavam saber escrever uma redação em que o sujeito chamasse e o predicado respondesse. Pois a língua portuguesa é, segundo Rodrigues Lobo, branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar.

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1816175175070969&set=a.131024420252728.15268.100000355127696&type=3>

3. El idioma español

El idioma español tiene cerca de trescientas mil palabras. En el Libro Don Quijote, Cervantes usó 22.939 palabras diferentes. En una conversación entre dos profesionales pensionados se usan más de 3.200 palabras. Una canción de reggaetón tiene en promedio 30 palabras.

La mayoría de los jóvenes de la actual generación se comunican con 300 palabras (de estas 78 son groserías) y con 37 emoticones. Ahora ya se pueden imaginar el nivel de comprensión de lectura y pensamiento crítico que poseen.

Feliz día del idioma

2:33 PM

4. BRASILEIRO NÃO É NACIONALIDADE; É PROFISSÃO.

Via [Wanderley Diniz](#) - April 16 Gregório Duvivier FSP

Peço licença para um pouco de sociolinguística de botequim. Não que antes eu fizesse, por aqui, sociolinguística séria. Mas fazia outras coisas de botequim: poesia de botequim, política de botequim, economia de botequim. A crônica, afinal, não passa da botequinização dos assuntos.

Não sei se algum acadêmico sério já se debruçou sobre esse fenômeno. Quem primeiro me fez ver foi o palhaço Marcio Libar que, como todo palhaço, é um clarividente de botequim.

“Nacionalidade, no português”, dissertou o palhaço, “é -ano (italiano, americano, mexicano) ou -ês, (inglês, francês,

polonês). Mais raramente, termina em -ino (argentino, marroquino) ou -ense (costarriquense, israelense).”

Sim, Palhaço Pasquale, mas onde o senhor quer chegar com essa gramática de botequim?

“Não tem nenhum outro povo que termine em -eiro que não o brasileiro. Pode procurar.”

Não achei. “Quem termina em -eiro é banqueiro, pedreiro, marceneiro, bicheiro. Brasileiro não é nacionalidade, é profissão.”

Maldito palhaço. Nunca mais me esqueci disso. Toda vez que vejo algum brasileiro ferrando o Brasil lembro que brasileiro é atividade, não é identidade. E não qualquer atividade: brasileiro é quem vive da extração e da venda, pro exterior, do pau-brasil.

Ou seja: brasileiro, etimologicamente, é quem vive de vender o Brasil. Quando terminam as riquezas, o brasileiro se aposenta e volta pra “civilização”, como gosta de chamar os lugares que mais se beneficiaram do nosso subdesenvolvimento.

Por isso também tantos de nós se definem como brasileiros, mas —apressam-se em acrescentar— descendentes de italianos, portugueses ou alemães. Estamos brasileiros, mas, no fundo, o que somos de verdade é outra coisa. O brasileiro tá de passagem.

- **Fôssemos brasilianos, talvez restasse mais Amazônia. Fôssemos brasilezes, quem sabe respeitássemos as urnas. Fôssemos brasilinos, talvez não tivéssemos exterminado, e continuássemos exterminando, tantas nações indígenas.**

Taí uma ideia: homenagear um povo original. Nisso podíamos imitar os “civilizados”. Afinal, franceses vêm dos francos, ingleses vêm dos anglos, e por essa lógica seríamos tupinambás, tamoios ou tabajaras.

Imagina que bonito um estádio inteiro cantando junto: “Eu sou tabajara/ Com muito orgulho/ Com muito amor”.

- **Curiosamente, tabajara virou sinônimo de reles, vagabundo. Vai entender.**

Na verdade, alguns clássicos como N.W.Sodré e Caio Prado Jr - se não me engano , pois já estou batendo biela e começo a esquecer o que há 60 anos... - trataram do assunto e chamam a atenção para o esforço feito por alguns patriotas parlamentares, liberais, logo depois de Independencia, para que usasse a expressão **BRASILEIROS com maior orgulho, sem os preconceitos que ela carregava junto à comunidade lusitana.**

5.AS MIL FACES DAS PALAVRAS

***Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face
neutra***

Carlos Drumond de Andrade.

O Prof. Julio Cesar Lemes de Castro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo publicou esclarecedor texto sobre as relações das palavras com o inconsciente (e o consciente) e de suas relações com diversos comportamentos individuais e sociais. Título: *Inconsciente como linguagem de Freud a Lacan.* A importância do grave momento político que vivemos no país, nos proporciona reproduzir parte do didático texto e acrescentar algumas considerações.

Freud, embora não contasse com os recursos da linguística, já concebia o inconsciente em termos de linguagem, e que Lacan, usando ferramentas teóricas tomadas a Saussure e Jakobson, aprofundou a concepção freudiana. Assim, pode-se dizer que as formações do inconsciente (o sonho, o chiste, o lapso) e os sintomas neuróticos são articulações envolvendo o que em linguística se chama de *significante* que é a imagem acústica ou escrita e seu *significado*, o conceito ou o que se deseja exprimir.,

A importância que Freud consagra à linguagem reflete-se ainda em seu estilo fluente, conciso e elegante considerado um modelo de escritura.

O analista deve ser um “letrado”, sustenta Lacan “. O currículo ideal sugerido por Freud para a formação dos analistas, inclui além da psiquiatria e da sexologia, a história da civilização, a mitologia, a psicologia das religiões, a história e a crítica literárias. Lacan acrescentou ainda a retórica, a gramática e a poética. Qualidades e conhecimentos tão escassamente vistos, escritos e ouvidos nos parques ambientes psi.

O surgimento da psicanálise é anterior ao da linguística moderna, tendo antecipado certas descobertas desta. Essa é, para Lacan, uma das razões pelas quais a lição freudiana sobre o papel do *significante* no inconsciente é negligenciada. Não por acaso, a pedra angular do retorno a Freud promovido por Lacan é a concepção de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem. É toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente. Assim ele refinou suas análises com os instrumentos da linguística.

E com esses mesmos instrumentos, pode-se tentar a interpretação e mesmo a renovação da teoria e da prática políticas.

Parafrazeando Lacan, o homem político também deveria ser “letrado” e ter conhecimentos amplos do que de melhor cultura humana produziu..

No entanto, a linguagem da política e dos políticos “ por ter mil faces “ costuma ser imprecisa e ambivalente ao empregar *significantes* que expressam *significados* variados , verdadeiros alguns, falsos outros, intencionalmente confusos , muitos.

Linguagens permeadas por uma doxa própria da escola Cínica da Antiga Grécia.

Enfim, lembrando um dos nossos mais argutos filósofos nacionais, poderíamos parafrazeá-lo observando que “ de onde menos se espera, daí mesmo é que não sai nada”.

6. A língua que nos moldou o olhar e o coração

Landro Oviedo - professor, escritor e advogado

landrooviedo@correiodopovo.com.br - Correio do Povo - ANO 117 Nº 254 - PORTO ALEGRE, DOMINGO, 10 DE JUNHO DE 2012\

Nas caravelas das grandes navegações portuguesas, viajava muito mais do que a ambição de conquistas e de riqueza. Nelas navegava uma língua heroica, que havia resistido ao latim vindo das cortes romanas e ao árabe dos muçulmanos. Reavivada por um pequeno condado chamado Portucalense, reagiu para empreender uma jornada vitoriosa e conquistar o mundo desconhecido de antanho, expandindo a alma portuguesa.

Hoje, 10 de junho, é comemorado o Dia da Língua Portuguesa no mundo, correspondendo à morte do poeta Luiz Vaz de Camões, mártir e prócer do idioma, no ano de 1580. Essa língua já nos fez predestinados a esposá-la desde os primórdios da Pátria brasileira, quando Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei de Portugal dando contadas terras agregadas ao seus domínios. Nascia ali o Brasil de hoje, com agramática lusitana impondo seus fonemas e sintaxe sobre a oralidade frágil das línguas indígenas, torre de babel que começou a declinar diante da linguagem não verbal das armas lusitanas.

Depois, essa língua de dominação foi flexibilizada pelos negros, que a fizeram sincrética e polissêmica. Também os poetas a recrutaram para dar voz aos que não tinham voz, feito Castro Alves, que se armou de metáforas e apóstrofes para defender homens e mulheres vitimados pela ignominiosa escravidão. Antes, José de Alencar já havia propugnado pela independência linguística do país, estabelecendo a base de uma cultura própria e afirmando uma literatura nacional.

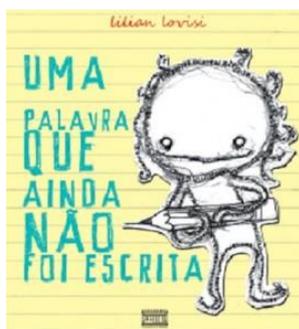
Para falarmos de língua, é preciso conceber também idioma, dialeto e idioleto. O idioma é o substrato anterior à língua, esta a realização particular e localista do idioma. Já o dialeto é o fenômeno repetido em menor escala, notadamente em regiões internas, pela variabilidade linguística. Por sua vez, o idioleto é

a expressão singular do falante, própria e subjetiva, mas inserida nos cânones coletivos. É do idioma camoniano que derivam a língua brasileira e os dialetos, inclusive o gaúcho, mantendo-se o adjetivo primevo para reverenciar a primazia. Aliás, mesmo nas áreas de confluência entre Camões e Cervantes nestas bandas, aquele mantém brilho e bandeira, como nesta estrofe do poema "Pajada para a Língua Portuguesa", do poeta rio-grandense Vaine Darde: "Eu transito pelo verso/Com metáforas de campo/Lampejos de pirilampos/Nos vocábulos impressos/Pois toda vez que me expresso/Com a prosa dos galpões/Tenho o sotaque dos peões/Que por mais que o tempo mude/Apesar do timbre rude/Jamais renega Camões".

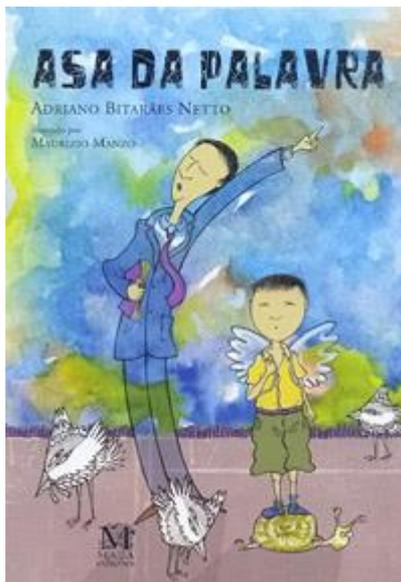
A língua portuguesa, que nos legou um olhar de encanto com a vida, entremeada com a nostalgia dos lusitanos, moldou-nos o coração para emoções veiculadas por um vernáculo sóbrio e expressivo. A ela, metalinguisticamente, nossa gratidão pela identidade, forjada com a têmpera dos que fizeram a história de uma pátria que renasceu em outras tantas para além dos oceanos.

7. Uma palavra que ainda não foi escrita

BLOG DO GUTEMBERG - 25 MAIO 2012



“Agora vou contar um segredo para vocês sobre as palavras. Por favor, não espalhem, não contem pra mais ninguém porque só as palavras e os autores sabem disso: palavras podem ficar invisíveis aos olhos de alguns e



Voltado para o público infanto-juvenil, Asa da Palavra, de Adriano Bitarães Netto (Mazza Edições) aborda, através de uma narrativa poética, as tentativas frustradas de um garoto que tenta reproduzir as atitudes, a linguagem e a religiosidade de seu pai. Por mais que tente negar a si mesmo para ser quem o pai espera que ele seja, o protagonista proporciona consecutivas decepções para a família.

O tema é a denúncia contra a intolerância religiosa. O desejo do narrador bate de frente com o do pai, de quem as palavras saíam em linha reta direto pro alvo. Mas as palavras do filho queriam dar voltas, não tinham alvo, elas tinham asas e queriam era voar.

Através dessa temática, o livro discute de modo sutil e delicado, a imposição dos valores paternos, sociais, religiosos e culturais sobre a formação identitária das crianças e dos jovens. Até que ponto os valores considerados “bons”, “corretos” e “dignos” pelos pais são condizentes com os desejos e a realidade dos filhos? Asa da palavra ressalta como o embate de valores gerado pelos conflitos de gerações pode ser discutido de modo sensível, sem desrespeitar credos, épocas e concepções morais.

Vale a pena abrir o livro e deixar as palavras correrem pela casa com lirismo e força poética as inquietações e angústias

desse menino diante do mundo que o rodeia.

E ondas são asas. Asas de ar e água. Asas de espaço e tempo. Asas de esperança e desencantamento. Asas de palavra e silêncio.

•

8.Minha pátria é minha língua -

blogdogutemberg.blogspot.com

23 ABRIL 2012

No Brasil, houve um tempo em que uma língua se sobressaía entre as demais. Sua influência foi tão marcante que, mesmo quando a Europa pensava ter encontrado aqui uma Atlântida selvagem e Portugal acreditava serem essas suas terras, o tupi continuava firme e mais falada que a própria língua portuguesa.



•

Até os dias atuais, quando as comunidades indígenas lutam para não perder o que sobrou de suas identidades, o tupi continua sendo a base lingüística responsável pelas significativas mudanças entre a língua falada em terras lusitanas e brasileiras. Para se ter uma idéia do que isso significa, basta lembrar que na língua oficialmente falada no

Brasil, existem dez mil vocabulários em tupi, sendo, segundo o professor da USP, Eduardo Navarro – a língua que mais designa nomes de localidades no país, depois do português. O especialista em letras clássicas pontua que existem cerca de 180 línguas de origem indígenas faladas no Brasil.

Dados levantados pelo engenheiro José Antônio Caldas, informou que a população indígena aldeada na Bahia, em meados do século XVIII, era de cerca de 12 mil, que mal seriam 6% da população residente no estado na época. Segundo a antropóloga e historiadora Maria Hilda Paraíso, todos os grupos indígenas da Bahia perderam suas línguas originais. “Exceto o tupi, o que se tem hoje das línguas das tribos jê (também conhecidos como tapuias) e kiriri são registros estáticos de um ou outro vocábulo, desprovido da gramática que dá o dinamismo da língua. Então é muito fácil chegar em determinadas comunidades indígenas hoje que utilizam algumas palavras recuperadas com a estrutura gramatical da língua portuguesa”, completa a especialista.



O estudo do tupi continua sendo uma exceção na academia e nas escolas brasileiras. Na UFBA, o tupi deixou de ser estudado como disciplina em 1993, com a aposentadoria da especialista no assunto, a tupinóloga baiana e discípulo de Frederico Edelweiss (maior especialista no assunto e fundador da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA) até a sua morte, a historiadora Consuelo Ponde de Senna.

De acordo com Consuelo Ponde, o tupi era falado em todo o litoral brasileiro e nas regiões Norte e Nordeste. “Chamada pelos portugueses de língua brasílica, o tupi – de acordo com a

tribo – sofria algumas variantes dialetais, mas se mantinha como a língua mais falada no território nacional”, esclarece a especialista. A palavra tupi, na verdade, era a designação da própria nação que deu origem a vários troncos como os tupinambás, tupiniquim, tabajaras, tuxás, entre outros.

Para se fazer entender e conseguir desempenhar o papel de educadores, os jesuítas foram obrigados a aprender o tupi, falando e escrevendo a língua nativa. Dessa forma a língua brasileira cresceu nas terras da Santa Cruz, tornando-se mais falada que o próprio português. As disputas políticas entre o poderoso ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, e os jesuítas serviram de justificativa para que Pombal decretasse em 17 de agosto de 1758, a proibição do uso do tupi. A finalidade era enfraquecer o poder da Igreja Católica sobre a colônia. E espalhou-se na colônia uma regra comportamental que pregava que falar a língua gentílica era sinônimo de inferioridade. E a velha tendência de cultuar os costumes estrangeiros começava a fincar raízes.



Apesar das proibições de Pombal, o tupi continuou resistindo, principalmente no norte do país, onde a morosidade da colonização terminou por preservar a língua mãe do Brasil. E o tupi foi sendo paulatinamente esquecido até o final do século XIX quando um intelectual baiano, o estudioso Theodoro Sampaio trouxe o tupi de volta à visibilidade, através do Instituto Histórico de São Paulo. O personagem de Lima Barreto, Policarpo Quaresma, em plena ditadura republicana, sonhou restabelecer o tupi como língua nacional, e foi ironizado por Oswald de Andrade na sua

afirmação modernista “tupy or not tupy, that is the question!”. Gonçalves Dias quis recuperar com suas obras como I Juca Pirama (que significa o que vai ser morto), assim como José de Alencar que, ao escrever Ubirajara, Iracema entre outros livros, buscava encontrar o rosto do Brasil.

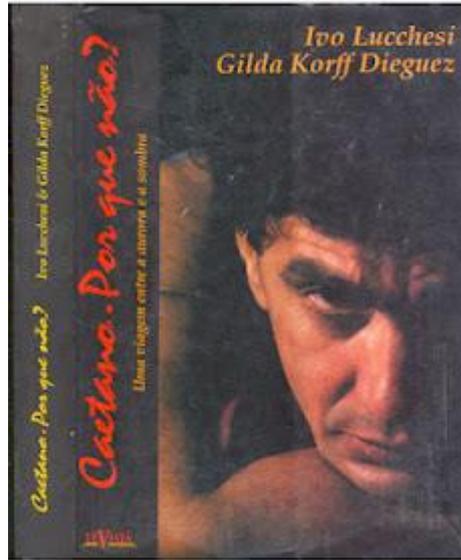
Para a diretora do Instituto de Letras da UFBA, Evelina Hoisel, o “ensino do tupi nas escolas da universidade facilitaria a compreensão da formação histórica do país. O que não podemos imaginar é que a partir desse projeto, o tupi volte a ser uma língua falada”. Mais de duzentos anos depois da agressiva política de Pombal, o Brasil deixou de ser um país bilíngüe: o tupi é falado por não mais do que 30 mil índios – 10% da população indígena do Brasil, calculada em cerca de 300 mil pessoas.

Há milhares de expressões, como ficar de nhenhenhen (quer dizer falando sem parar), chorar as pitangas (pitanga é vermelho em tupi, ou seja, chorar lágrimas de sangue), cair um toró (toró é jorro d’água em tupi), ir para a cucuia (entrar em decadência). Grande parte dos verbos é tupi: socar (bater com a mão fechada), petec (bater com a mão aberta, daí vem peteca, espetar é cutuc (daí cutucar). O significado de grande parte de nomes de lugares só se sabe com o tupi: Itapoan, Itaparica, Itacaré, Guaratinga, Pindobaçu e Itajuípe. Na nossa fauna e flora, o tupi aparece massivamente: tatu, tamanduá, jacaré.

9.0 que pode esta língua (1)

16 MAIO 2012 - BLOGDOGUTEMBERG.COM

Música & sexo, uma relação muito estreita (8)



Os professores Ivo Lucchesi e Gilda Korff Dieguez analisam a obra de Caetano Veloso no livro “Caetano. Por que não? (uma viagem entre a aurora e a sombra). “Ninguém sabe mesmo o que quer uma mulher”, já cantou Caetano Veloso. A temática da sedução, o processo contínuo do desejo se materializa na constância do verso “a tua presença”, que perpassa a totalidade do texto apoiado numa estrutura musical de tons e semitons. O desejo detonado pelo olhar (tudo decorre da constatação da presença) é capaz de absorver os sentidos:

**“A tua presença
entra pelos sete buracos da minha cabeça
a tua presença
pelos olhos, boca, narinas e orelhas
a tua presença
paralisa meu momento em que tudo começa
a tua presença
desintegra e atualiza a minha presença
a tua presença
envolve meu tronco, meus braços e minhas pernas
a tua presença
é branca, verde, vermelha, azul e amarela**

**a tua presença
é negra, negra, negra, negra, negra, negra, negra, negra,
negra**

**a tua presença
transborda pelas portas e pelas janelas
a tua presença
silencia os automóveis e as motocicletas
a tua presença
se espalha no campo derrubando as cercas**



a tua presença

**é tudo o que se come, tudo o que reza
a tua presença
coagula o jorro da noite sangrenta
a tua presença
é a coisa mais bonita em toda a natureza
a tua presença
mantém sempre teso o arco da promessa
a tua presença”.**

A inalterabilidade da melodia sugere um estado de torpor, capaz de imobilizar o próprio corpo e, assim, eternizar a duração do prazer, que, levado ao ponto máximo, paralisa também a palavra. A música se encerra com a repetição enfática de “morena”: (...) “a tua presença/mantém sempre teso o circo da promessa/a tua presença/morena, morena, morena, morena, morena, morena, morena, morena, morena” (1971).

“De Noite na Cama” (1974), como o título já evoca, põe em

cena a questão do desejo. A rima interna



cama/ama sugere

que o desejo é de ordem espacial, e, conseqüentemente, determina o ato cuja realização depende do espaço, entendido como instância de expressão do sujeito, e não como “lugar”: “de noite na cama eu fico pensando/se você me ama e quando/se você me ama eu fico pensando/de noite na cama e quando (...)”.

Em “Nosso Estranho Amor” (1986) ele mostra a intensa vivência de um querer capaz de não asfixiar um desejo. Que estranho sentimento é esse cuja origem renega a limitada interação entre os dois – eis a indagação proposta. Ou, por outra, a sobrevivência do amor passaria pela inevitabilidade das traições, a fim de retirar delas o ciúme que iria realimentá-lo: “não quero sugar todo o seu leite/nem quero você enfeite do meu ser/apenas te peço que respeite/o meu louco querer//não importa com quem você se deite/que você se deleite seja com quem for/apenas te peço que aceite/o meu estranho amor///ah! mãeinha/deixe o ciúme chegar/deixa o ciúme passar/e sigamos juntos/ah! neguinha/deixa eu gostar de você/prá lá do meu coração/não me diga nunca não (...)”.

Já na música “O Quereres” (1984) ele não deseja seguidores, pois queres sempre abrir caminhos sem ter de repartir a vontade. Não se trata de egoísmo, mas de uma estratégia que lhe preserva a liberdade e o impeça de ceder à tentação das concessões, a inevitável

consequência dos envoltimentos. Não se fixando, não descambará em mesmices; daí “O (singular) Quereres



(plural)”. Apostar no deslocamento é para o eu algo vital, visceral. A chave de sua liberdade:

**“onde queres revolver sou coqueiro
e onde queres dinheiro sou paixão
onde queres descanso sou desejo
e onde sou só desejo queres não
e onde não queres nada nada falta
e onde voas bem alta eu sou o chão
e onde pisas o chão minha alma salta
e ganha liberdade na amplidão (...)”.**

São as contradições que estruturam a relação eu/outro. Conceder implica aceitar o jogo de dominação, cujo desfecho é o jugo de um sobre o outro: (...) “onde queres família eu sou maluco/e onde queres romântico, burguês/onde queres Leblon sou Pernambuco/e onde queres eunuco, garanhão/e onde queres o sim e o não, talvez/e onde vês eu não vislumbro razão/onde queres cowboy eu sou chinês (...)”.

A luta pelo “infinito desejo” não aceita o confinamento do papel institucionalizado. Quem renuncia a quê? Eis a questão: “e vê só que cilada o amor me armou/eu te quero (e não queres) como sou/não te quero (e não queres) como

és”. O que nasce como antítese, na qual os termos são inconciliáveis, termina em conflito insolúvel: (...) “e eu querendo querer-te sem ter fim/e, querendo-te, aprender o total/do querer que há e do que não há em mim”.

• O que pode esta língua (2)

BlogdoGutenberg – 1705.2012



Brilhante exercício cerebral e, ao mesmo tempo, uma homenagem à língua, “O Quereres” desenvolve o potencial contrastivo de forma extraordinário. A associação entre língua, na condição de código identificador e organizador da cultura, e erotização, processo de subversão do código em aliança com o sujeito, artífice do discurso, está exposto nos versos de “Língua” (1984): “gosto de sentir a minha língua roçar/a língua de Luís de Camões”. É intencional a ambiguidade, o duplo sentido conferido à palavra língua: código cultural e objeto de sensualidade, de expressão erótica, por onde escoia a face narcísica e redutora do eu. A intermediação das duas esferas é dada pelo verbo “roçar”, como se dois corpos, sob o impulso do desejo, se tocassem, deflagrando a partir daí a cena erótica. Na continuação da canção ele pergunta: “o que quer/o que pode esta língua?”. Pode e quer o que com ela pudermos realizar: liberdade ou escravidão, autonomia ou dependência. Enfim,

tornamo-nos sujeitos ou objetos da língua. Ela é o somatório de tudo o que somos e do que abdicamos de ser. A língua está à espera da transgressão, ato de ousadia de quem põe o código a serviço da vontade criadora.

Com a mudança geral nos comportamentos, atitudes e valores decorrentes dos anos 60, surgiram imagens novas sobre a mulher, como por exemplo “a da capa voadora, domadora de leões” (Super-mulher, de Jorge Mautner), ou a Barbarella, de Jorge Ben, entre outras. Tais transformações provocaram a perplexidade como registra Caetano Veloso em “Pecado Original”

- **“Todo dia, toda noite, toda hora,**
- **Toda madrugada, momento e manhã**
- **Todo mundo, todos os segundos do minuto**
 - **Vive a eternidade da maçã**



- **Tempo da serpente nossa irmã**
 - **Sonho de ter uma vida sã.**
- **Quando a gente volta o rosto para o céu**
 - **E diz olhos nos olhos da imensidão:**
 - **Eu não sou cachorro, não**
- **A gente não sabe o lugar certo de colocar o desejo**
 - **Todo beijo, todo medo, todo corpo**
 - **Em movimento está cheio de inferno e céu**
- **Todo santo, todo canto, todo pranto, todo manto**
 - **Está cheio de inferno e céu**
 - **O que fazer com o que Deus nos deu?**

- O que foi que nos aconteceu?
- Quando a gente volta o rosto para o céu
 - E diz olhos nos olhos da imensidão:
 - Eu não sou cachorro, não
- A gente não sabe o lugar certo de colocar o desejo
 - Todo homem, todo lobisomem
- Sabe a imensidão da fome que tem de viver
- Todo homem sabe que essa fome é mesmo grande
 - E até maior que o medo de morrer
- Mas a gente nunca sabe mesmo o que é que quer uma mulher”

O arquiteto e ensaísta **Guilherme Wisnik** no seu livro **Caetano Veloso** (da série **Folha Explica**), o escritor enfrenta o desafio de apresentar **Caetano Veloso**, considerado uma das mais inexplicáveis personalidades brasileiras -- não apenas por ser um artista polêmico e camaleônico, mas também por se tratar de alguém que não cansou de se auto-explicar ao longo dos seus 40 anos de vida artística. No quarto capítulo dedicado aos discos **Transa**, **Qualquer Coisa**, **Jóia**, **Bicho**. **Muito Cinema Transcendental** (**Sempre Teso o Arco da Promessa**) ele informa: “Toda a política mais afiada, presente no modo como Caetano lê o mundo e o tensiona, passa por uma análise político-econômica das estruturas sociais, ou pelo alinhamento artístico a alguma ‘causa’ derivada de injunções ideológico-partidárias, mas por uma estética das relações humanas, cujo motor é essencialmente erótico. Um eros espontâneo e natural – em tudo contrário a uma concepção exótica do sexo e da libido – que se mostra, também, como um éthos, isto é, uma instância de valor capaz de medir conceitos como desenvolvimento e subdesenvolvimento através dos critérios de elegância, originalidade, saúde criativa, competência, dever de grandeza”.

“Cê”, corruptela de “você” que nomeia o disco de **Caetano Veloso** de 2006 traz imagens corpóreas e sensuais presentes em vários momentos, como na faixa “**Deusa urbana**”, uma balada que fala em “**sexo heterodoxo, lapso de desejo**”, ou ainda em “**Homem**” onde afirma não invejar nas mulheres a maternidade ou a lactação, nem a adiposidade ou a

menstruação, mas apenas “a longevidade e os orgasmos múltiplos”. “Eu sou o homem/pele solta sobre o músculo” (...) “Só tenho inveja da longevidade e/dos orgasmos múltiplos”. Em “Outro”, o compositor brinca com o erotismo: “feliz e mau como um pau duro/acendendo-se no escuro”. Tem ainda “Odeio”, música em que todos os prazeres são possíveis (e consumados), porém insatisfatórios (“era o fim, é o fim, mas o fim é demais também”).

Durante os ensaios para a turnê de "Cê", Caetano compôs "Amor mais que discreto", inspirada em "Ilusão à toa", de Johnny Alf. Nas entrevistas aos jornais, Caetano informou que a letra “fala de um relacionamento entre dois homens, um mais velho e outro mais novo, o que se liga exatamente com a questão de liberação sexual”. Essa abordagem do sexo – como gozo ou frustração – estão presentes também no CD do show e consta a canção que só era apresentada em show. A delicada “Amor Mais que Discreto” nos leva a imaginar um amor improvável, encantamento que não se consume. Eis a letra:

- Talvez haja entre nós o mais total interdito
 - Mas você é bonito o bastante
 - Complexo o bastante
 - Bom o bastante
 - Pra tornar-se ao menos por um instante
 - O amante do amante
 - Que antes de te conhecer
 - Eu não cheguei a ser
 - Eu sou um velho
 - Mas somos dois meninos
- Nossos destinos são mutuamente interessantes
 - Um instante, alguns instantes
 - O grande espelho



- **E aí a minha vida ia
fazer mais sentido**
 - **E a sua talvez mais que a minha,**
 - **Talvez bem mais que a minha**
 - **Os livros, filmes, filhos ganhariam colorido**
 - **Se um dia afinal**
 - **eu chegasse a ver que você vinha**
 - **E isso é tanto que pinta no meu canto**
 - **Mas pode dispensar a fantasia**
 - **O sonho em branco e preto**
 - **Amor mais que discreto**
 - **Que é já uma alegria**
 - **Até mesmo sem ter o seu passado, seu tempo**
 - **O seu antes, seu agora, seu depois**
 - **Sem ser remotamente**
 - **Sequer imaginado**
 - **Por qualquer de nós dois**

Quem desejar adquirir o livro *Bahia um Estado D'Alma*, sobre a cultura do nosso estado, a obra encontra-se à venda nas livrarias LDM (Brotas), Galeria do Livro (Boulevard 161 no Itaipara e no Espaço Cultural Itau Cinema Glauber Rocha na Praça Castro Alves), na Pérola Negra (ao lado da Escola de Teatro da UFBA, Canela) e na Midialouca (Rua das Laranjeiras,28, Pelourinho. Tel: 3321-1596). E quem desejar ler o livro *Feras do Humor Baiano*, a obra encontra-se à venda no RV Cultura e Arte (Rua Barro Vermelho 32, Rio Vermelho. Tel: 3347-4929)

posted by Gutemberg @ [6:19 AM](#) [0 Comentários](#) [links to this post](#)

10. Mais Que Coisa !!! (Não sei quem é o autor, mas merece ser lido)

Para quem gosta da Língua, curiosidade como esta é interessante. Acompanhe o texto e veja que "coisa estranha" para se pensar.

O substantivo "coisa" assumiu tantos valores que cabe em quase todas as situações cotidianas.

A palavra "coisa" é um bombril do idioma. Tem mil e uma utilidades. É aquele tipo de termo-muleta ao qual a gente recorre sempre que nos faltam palavras para exprimir uma idéia. Coisas do português.

A natureza das coisas: gramaticalmente, "coisa" pode ser substantivo, adjetivo, advérbio. Também pode ser verbo: o Houaiss registra a forma "coisificar". E no Nordeste há "coisar": "Ô, seu coisinha, você já coisou aquela coisa que eu mandei você coisar?".

Coisar, em Portugal, equivale ao ato sexual, lembra Josué Machado. Já as "coisas" nordestinas são sinônimas dos órgãos genitais, registra o Aurélio. "E deixava-se possuir pelo amante, que lhe beijava os pés, as coisas, os seios" (Riacho Doce, José Lins do Rego). Na Paraíba e em Pernambuco, "coisa" também é cigarro de maconha. Em Olinda, o bloco carnavalesco Segura a Coisa tem um baseado como símbolo em seu estandarte. Alceu Valença canta: "Segura a coisa com muito cuidado / Que eu chego já." E, como em Olinda sempre há bloco mirim equivalente ao de gente grande, há também o Segura a Coisinha.

Na literatura, a "coisa" é coisa antiga. Antiga, mas modernista: Oswald de Andrade escreveu a crônica O Coisa em 1943. A Coisa é título de romance de Stephen King. Simone de Beauvoir escreveu A Força das Coisas, e Michel Foucault, As Palavras e as Coisas.

Em Minas Gerais, todas as coisas são chamadas de trem. Menos o trem, que lá é chamado de "a coisa". A mãe está com a filha na estação, o trem se aproxima e ela diz: "Minha filha, pega os trem que lá vem a coisa!".

Devido lugar

"Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça (...)". A garota de Ipanema era coisa de fechar o Rio de Janeiro. "Mas se ela voltar, se ela voltar / Que coisa linda / Que coisa louca." Coisas de Jobim e de Vinicius, que sabiam das coisas. Sampa também tem dessas coisas (coisa de louco!), seja quando canta "Alguma coisa acontece no meu coração", de Caetano Veloso, ou quando vê o Show de Calouros, do Silvio Santos (que é coisa nossa).

Coisa não tem sexo: pode ser masculino ou feminino. Coisa-ruim é o capeta. Coisa boa é a Juliana Paes. Nunca vi coisa assim! Coisa de cinema! A Coisa virou nome de filme de Hollywood, que tinha o seu Coisa no recente Quarteto Fantástico. Extraído dos quadrinhos, na TV o personagem ganhou também desenho animado, nos anos 70. E no programa Cassetta e Planeta, Urgente!, Marcelo Madureira faz o personagem "Coisinha de Jesus".

Coisa também não tem tamanho. Na boca dos exagerados, "coisa nenhuma" vira "coisíssima". Mas a "coisa" tem história na MPB.

No II Festival da Música Popular Brasileira, em 1966, estava na letra das duas vencedoras: Disparada, de Geraldo Vandré ("Prepare seu coração / Pras coisas que eu vou contar"), e A Banda, de Chico Buarque ("Pra ver a banda passar / Cantando coisas de amor"), que acabou de ser relançada num dos CDs triplos do compositor, que a Som Livre remasterizou. Naquele ano do festival, no entanto, a coisa tava preta (ou melhor, verde-oliva). E a turma da Jovem Guarda não tava nem aí com as coisas: "Coisa linda / Coisa que eu adoro".

Cheio das coisas

As mesmas coisas, Coisa bonita, Coisas do coração, Coisas que não se esquece, Diga-me coisas bonitas, Tem coisas que a gente não tira do coração. Todas essas coisas são títulos de canções interpretadas por Roberto Carlos, o "rei" das coisas. Como ele, uma geração da MPB era preocupada com as coisas. Para Maria Bethânia, o diminutivo de coisa é uma questão de quantidade (afinal, "são tantas coisinhas miúdas"). Já para Beth Carvalho, é de carinho e intensidade ("ô coisinha tão bonitinha do pai"). Todas as Coisas e Eu é título de CD de Gal. "Esse papo já tá qualquer coisa... Já qualquer coisa doida dentro mexe." Essa coisa doida é uma citação da música Qualquer Coisa, de Caetano, que canta também: "Alguma coisa está fora da ordem."

Por essas e por outras, é preciso colocar cada coisa no devido lugar. Uma coisa de cada vez, é claro, pois uma coisa é uma coisa; outra coisa é outra coisa. E tal coisa, e coisa e tal. O cheio de coisas é o indivíduo chato, pleno de não-me-toques. O cheio das coisas, por sua vez, é o sujeito estribado. Gente fina é outra coisa. Para o pobre, a coisa está sempre feia: o salário-mínimo não dá pra coisa nenhuma.

A coisa pública não funciona no Brasil. Desde os tempos de Cabral. Político quando está na oposição é uma coisa, mas, quando assume o poder, a coisa muda de figura. Quando se elege, o eleitor pensa: "Agora a coisa vai." Coisa nenhuma! A coisa fica na mesma. Uma coisa é falar; outra é fazer. Coisa feia! O eleitor já está cheio dessas coisas!

Coisa à toa

Se você aceita qualquer coisa, logo se torna um coisa qualquer, um coisa-à-toa. Numa crítica feroz a esse estado de coisas, no poema Eu, Etiqueta, Drummond radicaliza: "Meu nome novo é coisa. Eu sou a coisa, coisamente." E, no verso do poeta, "coisa" vira "cousa".

Se as pessoas foram feitas para ser amadas e as coisas, para ser usadas, por que então nós amamos tanto as coisas e usamos tanto as pessoas? Bote uma coisa na cabeça: as melhores coisas da vida não são coisas. Há coisas que o

dinheiro não compra: paz, saúde, alegria e outras cositas más.

Mas, "deixemos de coisa, cuidemos da vida, senão chega a morte ou coisa parecida", cantarola Fagner em Canteiros, baseado no poema Marcha, de Cecília Meireles, uma coisa linda. Por isso, faça a coisa certa e não esqueça o grande mandamento: "amarás a Deus sobre todas as coisas".

Entendeu o espírito da coisa?

11. A MORTE DO SUBJUNTIVO E A FALTA DE FÉ NO SUJEITO

Públio Athayde -<http://www.artigonal.com/top-articles.php>

Leitor compulsivo e ex officio que sou, além de bom ouvinte da nossa língua, tenho observado os dois fenômenos do título, para os quais chamo a atenção dos interessados: o subjuntivo, aquela forma verbal que a gente estudava usando se, que e quando, para ajudar a decorar, está morrendo, morre do que morrem os recursos e as belezas do vernáculo, da falta de uso; quanto ao sujeito, aquele trapinho da oração que pratica ou recebe uma ação, perdeu toda a credibilidade, talvez seja por estarmos tratando de sujeitos brasileiros ou portugueses em sua maioria, já mesmo um tanto desacreditados no mercado. Por mais que minha observação não seja produto de nenhuma investigação criteriosa e minha análise não se revista de aparato linguístico profissional, o que ressaltado são apenas dois pontos que têm me causado incomodo. A primeira questão, a agonia da forma verbal, tenho observado principalmente nos textos escritos. Acredito mesmo que o Óbito do subjuntivo já tenha sido devidamente atestado na fala, ressaltando-se algum erudito que cisme em falar como escreve, talvez por muito escrever, mas ele é a andorinha que não faz verão. Mas tem sido novo para mim, e um pouco incomodo, dar com construções como: algum erudito que cisma em falar talvez é por estarmos tratando minha análise não se reveste de aparato linguístico. Dá para se ouvir essas coisas sem arrepiar, mas minha reclamação é que estamos lendo isso constantemente, raríssimo o uso daquele modo verbal mesmo em textos. Vamos destacar a função do subjuntivo para dar a

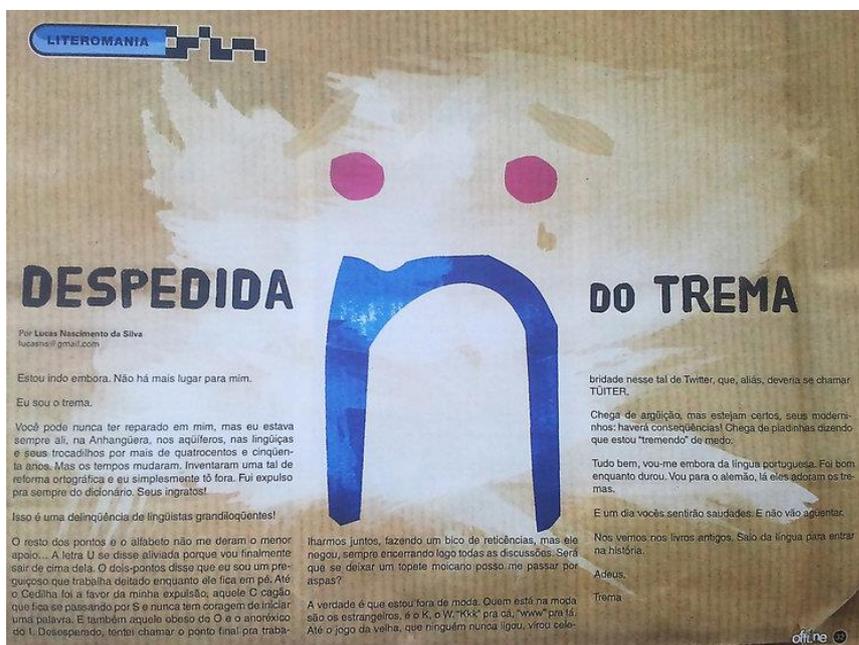
ele algum alento: modo verbal que expressa a ação ou estado denotado pelo verbo como um fato irreal, ou simplesmente possível ou desejado, ou que emite sobre o fato real um julgamento. Palavras de mestre Houaiss. Se for irreal, possibilidade ou desejo, ou se for uma opinião, um juízo, uma hipótese, o enunciado que venha no subjuntivo. Guardemos o modo indicativo, o mais vira-latas das conjugações, para as coisas certas e bem sabidas: Dá para se ouvir essas coisas, ele é a andorinha que não faz verão. Vamos destacar a função do subjuntivo.

O descrédito no sujeito é fenômeno recorrente na fala, a mais dinâmica das facetas das línguas. Fico me perguntando se tal ocorrência tem algum fundamento psicossocial, por estamos mesmo perdendo nossas fés, ou por as pessoas estarem mesmo merecendo desconfiança. O fenômeno ocorre porque as pessoas estão separando o sujeito do resto da fala por uma pausa, para pensar o que dizer ou mentir, mas na escrita essa pausa é representada por vírgula e ocorre que a danada da vírgula não pode se meter entre o sujeito e o predicado; a vírgula é a colher de pau entre o marido (sujeito) e a mulher (predicado). Então sapecam um pronome, depois da pausa, para ele substituir o sujeito e fazer o serviço dele: O descrédito no sujeito, ele é fenômeno...A primeira questão, ela tem sido observada... O fenômeno, ele ocorre porque as pessoas...Nada errado nessas construções, erro formal não há. Minha implicância é com a recorrência delas. É bem verdade que alguns sujeitos não merecem mesmo nenhuma confiança, mas todos eles? Qual o problema em podarmos boa parte desses pronomes e vírgulas, deixando os sujeitos livremente recebendo ou praticando as ações que lhes são devidas? Acredito que as pessoas, ao falar, ganhem credibilidade em seu discurso e maior fluência se passarem a ter fé nos sujeitos e suprimirem de suas declarações boa parte desse artifício de raciocínio ou falseamento. A ressurreição do subjuntivo empresta aos verbos o sentido mais próprio e a confiança no sujeito se reflete na fidedignidade do discurso. Assim tenho pensado.

Nasci, o parto foi natural. Tentaram me educar, hoje eu mesmo tento. Fiz o que todo mundo faz, até os 14 anos; como ninguém conta, eu também não. O resto só fui fazer depois de formado.

Fui educar os outros, nem tive o mesmo sucesso dos que tentaram comigo. De 1961 em diante, queria que os anos tivessem 11 meses, detesto dezembro. Plantei arvore, cortaram. Escrevi livros, não publicaram. Compus uma música, só eu gravei mas já esqueci a letra. Pinto, mas nunca vendi nada. Quando estive em Paris nevava e chovia; em Lisboa, de tarde, arrefecia; Roma continuava cheia de romanos e me disseram que os bárbaros tinham tomado a cidade, mas acho que não. Sempre que posso esqueço o que ia dizer. SÓ lembro o nome das pessoas quando não preciso. Não sei de cor nenhum poema todo. Tenho medo de tédio e de solidão.

12.Despedida do TREMA – Lucas Nascimento da Silva- Publicado na Revista Offline nº16



Estou indo embora. Não há mais lugar para mim. Eu sou o trema. Você pode nunca ter reparado em mim, mas eu estava sempre ali, na Anhangüera, nos aquíféros, nas lingüiças e seus trocadilhos por mais de quatrocentos e cinquenta anos.

Mas os tempos mudaram. Inventaram uma tal de reforma ortográfica e eu simplesmente tô fora. Fui expulso pra sempre do dicionário. Seus ingratos! Isso é uma delinqüência de lingüistas grandiloqüentes! O resto dos pontos e o alfabeto não

me deram o menor apoio... A letra U se disse aliviada porque vou finalmente sair de cima dela. Os dois pontos disseram que eu sou um preguiçoso que trabalha deitado, enquanto eles ficam em pé.

Até o cedilha foi a favor da minha expulsão, aquele C bobão, com seu rabinho fresco, que fica se passando por S e nunca tem coragem de iniciar uma palavra. E também tem aquele obeso do O e o anorético do I.

Desesperado, tentei chamar o ponto final pra trabalharmos juntos, fazendo um bico de reticências, mas ele negou, sempre encerrando logo todas as discussões.

Será que se deixar um topete moicano posso me passar por aspas? A verdade é que estou fora de moda. Quem está na moda são os estrangeiros, é o K, o W "kkk" pra cá, "www" pra lá.

Até o jogo da velha, a que ninguém nunca ligou, virou celebridade nesse tal de Twitter, que aliás, deveria se chamar TÛITER. Chega de argüição, mas estejam certos, seus moderninhos: haverá conseqüências! Chega de piadinhas dizendo que estou "tremendo" de medo.

Tudo bem, vou-me embora da língua portuguesa. Foi bom enquanto durou. Vou para o alemão, lá eles adoram os tremas. E um dia vocês sentirão saudades. E não vão agüentar. Nos veremos nos livros antigos. Saio da língua para entrar na história.

Adeus,
Trema.

13. Sobre a Vírgula - (Associação Brasileira de Imprensa).

Vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere..

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode criar heróis..

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

A vírgula pode condenar ou salvar.

Não tenha clemência!

Não, tenha clemência!

Uma vírgula muda tudo.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

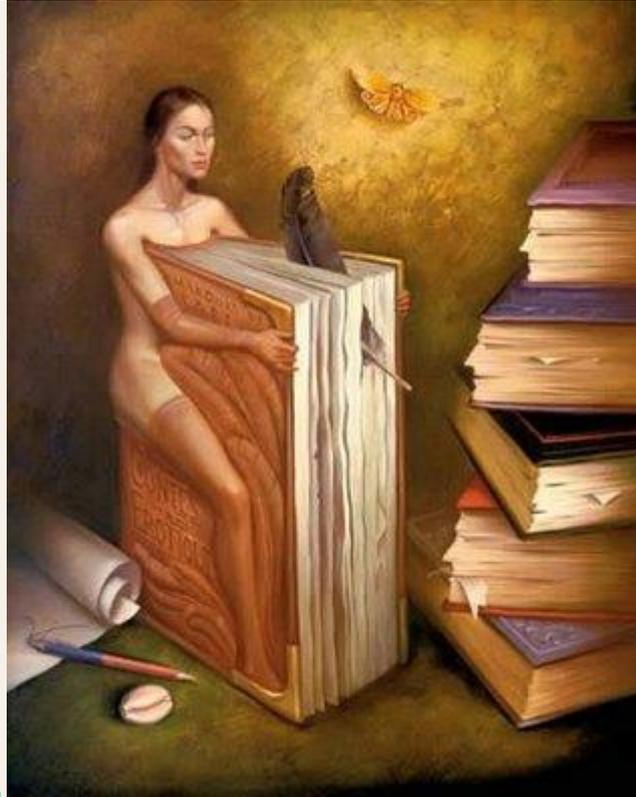
Detalhes Adicionais:

**SE O HOMEM SOUBESSE O VALOR QUE TEM A MULHER
ANDARIA DE QUATRO À SUA PROCURA.**

*** Se você for mulher, certamente colocou a vírgula depois de
MULHER...**

*** Se você for homem, colocou a vírgula depois de TEM...**

14.Receita Pra Lavar Palavra Suja - Viviane Mosé



**Mergulhar a palavra suja em água sanitária.
Depois de dois dias de molho, quicar ao sol do meio dia.**

- **Algumas palavras quando alvejadas ao sol adquirem consistência de certeza. Por exemplo a palavra vida.**

Existem outras, e a palavra amor é uma delas, que são muito encardidas pelo uso, o que recomenda esfregar e bater insistentemente na pedra, depois enxaguar em água corrente.

São poucas as que resistem a esses cuidados, mas existem aquelas.

Dizem que limão e sal tira sujeira difícil, mas nada. Toda tentativa de lavar a piedade foi sempre em vão.

Agora nunca vi palavra tão suja como perda. Perda e morte na medida em que são alvejadas soltam um líquido corrosivo, que atende pelo nome de amargura,

que é capaz de esvaziar o vigor da língua. O aconselhado nesse caso é mantê-las sempre de molho em um amaciante de boa qualidade. Agora, se o que você quer

é somente aliviar as palavras do uso diário, pode usar simplesmente

sabão em pó e máquina de lavar.

O perigo neste caso é misturar palavras que mancham no contato umas com as outras. Culpa, por exemplo, a culpa mancha tudo que encontra e deve ser sempre alvejada sozinha.

Outra mistura pouco aconselhada é amizade e desejo, já que desejo,

sendo uma palavra intensa, quase agressiva, pode, o que não é inevitável, esgarçar a força delicada da palavra amizade.

Já a palavra força cai bem em qualquer mistura.

Outro cuidado importante é não lavar demais as palavras sob o risco de perderem o sentido.

A sujeirinha cotidiana, quando não é excessiva, produz uma oleosidade que dá vigor aos sons.

Muito importante na arte de lavar palavras é saber reconhecer uma palavra limpa.

Conviva com a palavra durante alguns dias.

Deixe que se misture em seus gestos, que passeie pela expressão dos seus sentidos. À noite, permita que se deite,

não a seu lado mas sobre seu corpo.

Enquanto você dorme, a palavra, plantada em sua carne, prolifera em toda sua possibilidade.

Se puder suportar essa convivência até não mais perceber a presença dela, então você tem uma palavra limpa.

Uma palavra limpa é uma palavra possível.

15.A MORADA DO SER – 2012 – Dia da Língua

• **PAULO TIMM – www.sul21.com.br**

- ***"Não é trivial que 21 cientistas de várias partes do mundo, muitos deles com um passado de importantes responsabilidades governamentais, iniciem um manifesto com a célebre frase de Luther King: nós temos um sonho. A civilização contemporânea vive a explosiva combinação de evolução tecnológica rápida e evolução ética e social lenta. Essas são apenas algumas das ideias expressas***

pelos ganhadores de uma espécie de Nobel do Meio Ambiente (O Prêmio Planeta Azul, que existe desde a Rio-92). Apoiado em ciência, o documento denuncia o 'mito do crescimento econômico perpétuo adotado entusiasticamente por políticos e economistas para evitar decisões difíceis " . (Ricardo Abramovay - FSP, 27/3, Tendências e Debates)

E a literatura, mais que avenida ou praça por onde cavalga a glória, é um monumento, sim, de dúbia estória: granito e rima, alegoria ao vento, lugar onde carentes e arrogantes cravamos nosso nome de turista: -estive aqui, desamado, riscando a pedra e o tempo expondo meu sangue e nome com o coração trespassado. (Affonso Romano de Sant'Anna in Ferida Exposta ao Tempo - <http://www.baciadasalmas.com/rubricas/girias-e-falares/>)

“Palavras sempre sabem o que querem” . (Adriana Falcão , Pequeno Dicionário de Palavras ao Vento)

*

Daqui a pouco abrir-se-á a Conferência Rio+20, numa tentativa de avaliar realizações, frustrações e até retrocessos relativos à Eco-92, também sob os auspícios da ONU , na qual as consagrou o conceito de sustentabilidade, como uma síntese da sagrada tríade : eficiência (econômica), justiça (social) e conservação (recursos naturais).

- “Pela definição original, economia verde é a que pode gerar um simultâneo triplo dividendo: melhoria do bem-estar e redução das desigualdades sem aumento da pegada ecológica.”***

(José Eli da Veiga - A ruptura necessária para outra economia = Valor, de S. Paulo)

Haverá mais choro do que regozijos. Mas ao final alguém dirá: “A luta continua...! *We have a dream!*” E nova Conferência será marcada...

Nem tudo, porém, são lágrimas.

(...) “documento da consultoria KPMG divulgado recentemente mostra que cada dólar do PIB global de 2011 foi obtido com 21% a menos de emissões de gases de efeito estufa e 23% a menos de materiais que em 1990. É um progresso extraordinário, que mostra o potencial da economia verde.”

• *Ricardo Abramovay – FSP 27 março 2012*

Mas enquanto damos um passo à frente , retrocedemos dois, em razão do crescimento da população, da produção e do consumo, particularmente, nos BRICs:

- *“No entanto, a produção e o consumo aumentaram tanto que, apesar dessa queda por unidade de produto, a extração global de materiais da superfície terrestre se elevou, nos últimos vinte anos, 41%. As emissões aumentaram 39%.”***

Ricardo Abramovay – Idem

Parece que não temos saída. O Planeta voa em direção à sua auto-consumação. Resta-nos, entretanto, a ética da resistência ou a estética da existência através do discurso.

A propósito destas alternativas, dia 10 de junho celebrou-se o Dia da Língua Portuguesa, data da morte de Luiz de Camões, “Pai da Língua”, autor de “Os Lusíadas”, em 1589. É com a língua que resistimos e existimos como espécie. E que nos diferenciamos na Babel de povos distintos. O próprio português do Brasil, distanciando-se do lusitano, é um amálgama do poder colonial com a malemolência tropical, obrigada, por duas vezes, a discriminar o tupi, amplamente falado no território até

o final do século XVIII: Pelo Marquês do Pombal, em 17 de agosto de 1758, e por Dom João VI, em 1808. A língua é, de resto, nossa primeira prisão, nas malhas da razão que a própria razão desconhece; mas é também, nossa única possibilidade de alforria, pelo exercício da liberdade. Ou aquilo que Nilton Bonder chama de Imoralidade da Alma...(http://www.torres-rs.tv/site/pags/nacional_religiao2.php?id=1580)

Em 1968, por exemplo, às vésperas do AI-5, uma canção, de Geraldo Vandré, sintetizou este poder da língua, ao ser interpretada nas eliminatórias por ele próprio no III Festival Internacional da Canção, transformando-se no maior hino de repúdio à ditadura militar: "Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores" ou "Caminhando". Até hoje, para quem viveu, mesmo de longe, aqueles momentos, não há como sufocar à forte emoção que evoca e que bem demonstra o importante papel da cultura, em seu vasto espectro, na redemocratização do país, independentemente do grande enigma que Vandré ainda representa em sua poética solidão.(É patética sua fala, mas digna de respeito, tanto pelo personagem humano, como pelo gênio artístico ineludível, na recente entrevista concedida a Geneton de Moraes Neto, na GloboNews):

***“Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção...***

***Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...(2x)***

***Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando***

***Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão...***

***Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...(2x)***

***Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição:
De morrer pela pátria
E viver sem razão...***

***Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora”***

Lamentavelmente, os comentaristas da grande mídia obnubilaram a data da língua, preferindo as estatísticas da economia, no melhor estilo da velha tradição, tão condenada pelos verdes: a maldição do PIB. Mas se a moeda forte nos mercados globais não é o real; se a tecnologia, até mesmo do projecto automóvel “nacional” , vem de fora; e se a economia está se desindustrializando, sob o fascínio da exportação de commodities que nos aferra à matriz colonial, tão condenada por Caio Prado Jr., desde seus primeiros escritos econômicos da década de 30 do século passado, o vernáculo é nosso. Fernando Pessoa, Poeta Maior da língua, ia mais longe. A língua, para ele se confundia com a própria pátria, no melhor estilo heideggeriano, para quem a palavra é a morada do ser:

“As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a

***sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho - , transmudou-se o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand, fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintática, me faz tremer como um ramo ao vento , num delírio passivo de coisa movida. (...)
Não tenho sentimento político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a ortografia sem ípsilon, como o escarro direto que me enjoa independentemente de quem o cuspiu.***

Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da transliteração greco-romana veste-a do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha.

(Fernando Pessoa - Livro do Desassossego, por Bernardo Soares, Lisboa, Ática, 1982)

Mauro Santayana, decano do jornalismo brasileiro, não vai tão longe. Mas defende a língua escrita como fundamento da soberania e tem uma posição de defesa intransigente da pureza do idioma:

“Demolir a linguagem é demolir o homem. Quando se trata de política de Estado, é crime contra o povo.”

(Mauro Santayana, Linguagem e Soberania – www.maurosantayana.com)

Mais do que morada, pátria e essência da soberania de um povo: A linguagem escrita é um momento do processo

civilizatório que potencia a comunicação humana elevando-a culturalmente. A importância da Grécia Antiga consistiu precisamente no fato de que foi a simplificação da sua escrita, de base fonética, mais avançada do que as paralelas, que proporcionou uma inédita sinergia da inteligência da época naquela região, culminando no requinte do helenismo. E, mesmo sucumbindo ao poder de Roma, foi esta cultura que forjou os valores fundamentais da cultura ocidental, demonstrando o poder da palavra transliterada na “última flor do Lácio”:

Língua portuguesa

Olavo Bilac

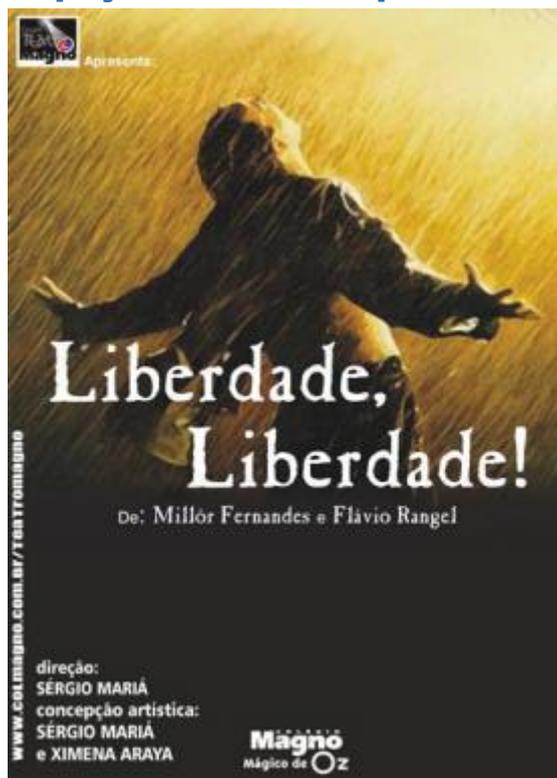
***Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...
Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!
Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!***

("Poesias", Livraria Francisco Alves - Rio de Janeiro, 1964, pág. 262)

É pelas palavras escritas e pela língua falada que nos identificamos como um povo no seu cotidiano. Por elas nos eternizaremos como cultura, sendo, portanto nossa maior riqueza, aquela que se projeta como mito. Podemos não comer palavras, no sentido literal, nem chegar com elas, literalmente, às estrelas. Para tanto, farse-ão indispensáveis a boa matemática, a física e a tecnologia. Mas pela palavra dizemos do nosso espanto e descobrimos o logon da fina teia de Ariadne. E pela palavra cantamos nossos sentimentos,

06. Liberdade, Liberdade - Por José Antonio Küller

- <http://josekuller.wordpress.com/3-liberdade-liberdade/>



A cena final de *Liberdade, Liberdade* também é marcante. Dela, fiz uma adaptação para fins didáticos. Uso essa adaptação como uma cerimônia de conclusão de curso. Ela está reproduzida a seguir.

Começo dizendo:

- ***“A última palavra é a palavra do poeta; a última palavra é a que fica.***
- ***A última palavra de Hamlet:***
- ***O resto é silêncio.***
- ***A última palavra de Júlio César:***
- ***Até tu, Brutus?***
- ***A última palavra de Jesus Cristo:***
- ***Meu pai, meu pai, por que me abandonaste?***
- ***A última palavra de Goethe:***
- ***Mais luz!***
- ***A última palavra de Booth, assassino de Lincoln:***
- ***Inútil, inútil...***

- ***E a última palavra de Prometeu:***
- ***Resisto!”***
- ***A última palavra de Y (nome de um participante).***
- ***O participante diz sua última palavra.***
- ***A última palavra de X (nome de outro participante). A cena anterior se repete, com X dizendo sua última palavra.***
- ***A última palavra de N (nome do último participante). A cena se repete.***
- ***Por fim, digo a minha última palavra e encerro o curso.***
- ***Até a última palavra de Prometeu, o texto é de Liberdade Liberdade.***

Não é em todo o final de curso que promovo essa cerimônia de encerramento. Reservo-a para aqueles cursos que efetivamente foram espaço para vivências profundas e oportunidade de aprendizagens muito significativas. Não sei se por isso ou pela força da cena, o momento é sempre emocionante. Tão emocionante quanto foi viver a cena final, quando a assisti pela primeira vez.

17. PROPAROXÍTONAS

Há dois tipos de palavras: as proparoxítonas e o resto.

As proparoxítonas são o ápice da cadeia alimentar do léxico. Estão para as outras palavras assim como os mamíferos para os artrópodes.

As palavras mais pernósticas são sempre proparoxítonas. Das mais lânguidas às mais lúgubres. Das anônimas às célebres. Se o idioma fosse um espetáculo, permaneceriam longe do público, fingindo que fogem dos fotógrafos e se achando o máximo.

Para pronunciá-las, há que ter ânimo, falar com ímpeto - e, despóticas, ainda exigem acento na sílaba tônica!

Sob qualquer ângulo, a proparoxítônica tem mais crédito.

É inequívoca a diferença entre o arruaceiro e o vândalo.

O inclinado e o íngreme.

O irregular e o áspero.

O grosso e o ríspido.

O brejo e o pântano.

O quieto e o tímido.

Uma coisa é estar na ponta – outra, no vértice.

Uma coisa é estar no topo – outra, no ápice.

Uma coisa é ser fedido – outra é ser fétido.
É fácil ser valente, mas é árduo ser intrépido.
Ser artesão não é nada, perto de ser artífice.
Legal ser eleito Papa, mas bom mesmo é ser Pontífice.
(Este último parágrafo contém algo raríssimo: proparoxítonas que rimam. Porque elas se acham únicas, exóticas, esdrúxulas. As figuras mais antipáticas da gramática.)
Quer causar um impacto insólito? Elogie com proparoxítonas.
É como se o elogio tivesse mais mérito, tocasse no mais íntimo.
O sujeito pode ser bom, competente, talentoso, inventivo – mas não há nada como ser considerado ótimo, magnífico, esplêndido.
Da mesma forma, errar é humano. Épico mesmo é cometer um equívoco.
Escapar sem maiores traumas é escapar ileso – tem que ter classe pra escapar incólume.
O que você não conhece é só desconhecido. O que você não tem a mínima ideia do que seja – aí já é uma incógnita.
Ao centro qualquer um chega – poucos chegam ao âmago.
O desejo de ser uma proparoxítona é tão atávico que mesmo os vocábulos mais básicos têm o privilégio (efêmero) de pertencer a esse círculo do vernáculo – e são chamados de oxítonos e paroxítonos. Não é o cúmulo?

EDUARDO AFFONSO
Arquiteto e escritor

18. A palavra

Carlos Pena Filho –

Navegador de bruma e de incerteza,
Humilde me convoco e visto audácia
E te procuro em mares de silêncio
Onde, precisa e límpida, resides.
Frágil, sempre me perco, pois retenho
Em minhas mãos desconcertados rumos
E vagos instrumentos de procura
Que, de longínquos, pouco me auxiliam.
Por ver que és claridade e superfície,
Desprendo-me do ouro do meu sangue
E da ferrugem simples dos meus ossos,

E te aguardo com loucos estandartes
Coloridos por festas e batalhas.
Aí, reúno a argúcia dos meus dedos
E a precisão astuta dos meus olhos
E fabrico estas rosas de alumínio
Que, por serem metal, negam-se flores
Mas, por não serem rosas, são mais belas
Por conta do artifício que as inventa.
Às vezes permaneces insolúvel
Além da chuva que reveste o tempo
E que alimenta o musgo das paredes
Onde, serena e lúcida, te inscreves.
Inútil procurar-te neste instante,
Pois muito mais que um peixe és arredia
Em cardumes escapas pelos dedos
Deixando apenas uma promessa leve
De que a manhã não tarda e que na vida
Vale mais o sabor de reconquista.
Então, te vejo como sempre foste,
Além de peixe e mais que saltimbanco,
Forma imprecisa que ninguém distingue
Mas que a tudo resiste e se apresenta
Tanto mais pura quanto mais esquiva.
De longe, olho teu sonho inusitado
E dividido em faces, mais te cerco
E se não te domino então contemplo
Teus pés de visgo, tua vogal de espuma,
E sei que és mais que astúcia e movimento,
Aérea estátua de silêncio e bruma

Xxxxxx



Mauricio David

12:28 (há 2
horas)

para Master_gendes

Poesia | João Cabral de Melo Neto - A palavra seda

A atmosfera que te envolve
atinge tais atmosferas
que transforma muitas coisas
que te concernem, ou cercam.

E como as coisas, palavras
impossíveis de poema:
exemplo, a palavra ouro,
e até este poema, seda.

É certo que tua pessoa
não faz dormir, mas desperta;
nem é sedante, palavra
derivada da de seda.

E é certo que a superfície
de tua pessoa externa,
de tua pele e de tudo
isso que em ti se tateia,

nada tem da superfície
luxuosa, falsa, acadêmica,
de uma superfície quando
se diz que ela é “como seda”.

Mas em ti, em algum ponto,
talvez fora de ti mesma,
talvez mesmo no ambiente
que retesas quando chegas,

há algo de muscular,
de animal, carnal, pantera,
de felino, da substância
felina, ou sua maneira,

de animal, de animalmente,
de cru, de cruel, de crueza, que sob a palavra gasta
persiste na coisa seda.

ISMÁLIA

XXXIII - Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Rufaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Publicado no livro *Pastoral aos crentes do amor e da morte: livro lírico do poeta Alphonsus de Guimaraens* (1923). Poema integrante da série *As Canções*.

In: GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra completa*. Organização de Alphonsus de Guimaraens Filho. Introdução de Eduardo Portella. Notas biográficas de João Alphonsus. Rio de Janeiro: J. Aguilár, 1960. p. 231-232. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira, 20)

JANDIRA (Murilo Mendes)



O mundo começava nos seios de Jandira.

Depois surgiram outras peças da criação:
Surgiram os cabelos para cobrir o corpo,
(Às vezes o braço esquerdo desaparecia no caos).
E surgiram os olhos para vigiar o resto do corpo.
E surgiram sereias da garganta de Jandira:
O ar inteirinho ficou rodeado de sons
Mais palpáveis do que pássaros.
E as antenas das mãos de Jandira
Captavam objetos animados, inanimados,
Dominavam a rosa, o peixe, a máquina.
E os mortos acordavam nos caminhos visíveis do ar
Quando Jandira penteava a cabeleira...

Depois o mundo desvendou-se completamente,
Foi-se levantando, armado de anúncios luminosos.
E Jandira apareceu inteiriça,
De cabeça aos pés.
Todas as partes do mecanismo tinham importância.
E a moça apareceu com o cortejo do seu pai,
De sua mãe, de seus irmãos.
Eles é que obedecem aos sinais de Jandira
Crescendo na vida em graça, beleza, violência.
Os namorados passavam, cheiravam os seios de Jandira
E eram precipitados nas delícias do inferno.
Eles jogavam por causa de Jandira,
Deixavam noivas, esposas, mães, irmãs
Por causa de Jandira.
E Jandira não tinha pedido coisa alguma.
E vieram retratos no jornal
E apareceram cadáveres boiando por causa de Jandira.
Certos namorados viviam e morriam
Por causa de um detalhe de Jandira.
Um deles suicidou-se por causa da boca de Jandira.
Outro, por causa de uma pinta na face esquerda de Jandira.
E seus cabelos cresciam furiosamente com a força das
máquinas;
Não caía nem um fio,
Nem ela os aparava.
E sua boca era um disco vermelho
Tal qual um sol mirim.
Em roda do cheiro de Jandira
A família andava tonta.
As visitas tropeçavam nas conversações

Por causa de Jandira.
E um padre na missa
Esqueceu de fazer o sinal da cruz por causa de Jandira.

E Jandira se casou.
E seu corpo inaugurou um vida nova,
Apareceram ritmos que estavam de reserva,
Combinações de movimento entre as ancas e os seios.
À sombra do seu corpo nasceram quatro meninas que repetem
As formas e os sestros de Jandira desde o princípio do tempo

E o marido de Jandira
Morreu na epidemia de gripe espanhola.
E Jandira cobriu a sepultura com os cabelos dela.
Desde o terceiro dia o marido
Fez um grande esforço para ressuscitar:
Não se conforma, no quarto escuro onde está,
Que Jandira viva sozinha,
Que os seios, a cabeleira dela transtornem a cidade
E que ele fique ali à toa.

E as filhas de Jandira
Inda parecem mais velhas do que ela.
E Jandira não morre,
Espera que os clarins do juízo final
Venham chamar seu corpo,
Mas eles não vêm.
E mesmo que venham, o corpo de Jandira
Ressuscitará inda mais belo, mais ágil e transparente.

(A própria história da poesia. A metamorfose poesia/mulher)

MACHADO DE ASSIS

1. www.pensador.com > frase > MTgxMTg2OQ **Em geral a mulher sabe que é amada por... Machado de Assis ...**

Em geral a mulher sabe que é amada por um homem, antes mesmo que ele o perceba... Machado de Assis. Inserida por pensador

À CAROLINA

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetedida
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores, — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Publicado no livro Relíquias de Casa Velha (1906).

In: ASSIS, Machado de. Obra completa. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v.3, p.313. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira)

A PALAVRA MÁGICA – C.Drummond de Andrade

**Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.**

Como desencantá-la?

É a senha da vida

a senha do mundo.

Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira

no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

Um governo de aldrabões

Ruy Castro

É raro, mas quando acontece é para celebrar — ganhar um irmão numa palavra. É o que se dá quando descobrimos alguém que usou um termo que um dia aprendemos, adotamos e, como em nosso meio ninguém mais o fazia, passamos a achar de nossa propriedade. Até que a vemos em outrem. Pois é como me sinto agora em relação a Gregorio Duvivier: irmão em aldrabão.

Em sua coluna desta quarta (1º/12), ele se referiu às 100 mil palavras que os portugueses nos trouxeram da Corte, mas reservaram algumas para uso próprio no seu lado do Atlântico. Uma dessas, aldrabão — que, em oito letras, três das quais o a, e um humilde til, define em Portugal o farsante, mentiroso, trapaceiro, impostor, descarado, aquele que comete fraudes, patranhas, aldrabices.

Com deleite e estupor, descobri aldrabão em Lisboa, onde morei de 1973 a 1975. Foi ao assistir a um festival de clássicos da comédia americana, estrelados por comediantes famosos entre nós por outros nomes.

Lá, os Irmãos Marx eram Os Grandes Aldrabões; os Três Patetas, os Três Estarolas; o Gordo e o Magro, o Bucha e o Estica; e Jerry Lewis, o Estoira-Vergas. Bem, para isso servem os dicionários. Um estarola é um deslumbrado, leviano, apatetado. Um estoira-vergas (verga é uma barra, uma vara, algo difícil de... vergar) é um estúpido, encenqueiro, estouvado.

Aqui esses nomes teriam de denominar outras figuras. Aldrabões, por exemplo, são o que não falta no governo Bolsonaro. Se nos limitarmos a três, e só entre os ministros no cargo, eles seriam, a discutir, Onix Lorenzoni, Ciro Nogueira e Joaquim Álvaro Pereira Leite. Os Três Estarolas seriam, de barbada, os generais Braga Netto, Augusto Heleno e Luiz Eduardo Ramos. O Estoira-Vergas, disparado, Paulo Guedes. E, em todas as categorias, cabe o próprio Bolsonaro.

Bucha e estica significam, literalmente, gordo e magro. Há gordos e magros no governo, e isso não é crime. Mas o Gordo e o Magro não eram canalhas.